

Ubuntu: o livro e o por-vir

Fábio Borges-Rosario¹

UFRJ

Resumo:

Neste diálogo, apresento a descolonização e a desconstrução da escrita como uma caminhada que apela à xenofilia que chega como acontecimento no livro por-vir e no por-vir do livro. A desconstrução da escrita é pensada como uma tática desviante das metodologias que encerram a iterabilidade que chega com a escuta das vozes que ecoam da América, África, Ásia e Oceania, assim como a descolonização da escrita solicita a entrada das pessoas falantes europeias marginalizadas por supremacistas. A desconstrução e descolonização da escrita nesta direção deputa a xenofilia como uma caminhada assentada no Ubuntu, isto é, no reconhecimento da humanidade de cada pessoa como fundante para a autoidentificação da minha, da tua e da nossa humanidade.

Palavras-chave: Ubuntu; Escrita; Desconstrução; Descolonização; Livro; Por-vir.

Abstract:

In this dialogue, I present the decolonization and deconstruction of writing as a journey that appeals to the xenophilia that arrives as an event in the book to come and in the book to come. The deconstruction of writing is thought of as a deviant tactic from the methodologies that contain the iterability that comes with listening to the voices that echo from America, Africa, Asia and Oceania, just as the decolonization of writing requests the entry of European speakers marginalized by supremacists. The deconstruction and decolonization of writing in this direction deposes xenophilia as a journey based on Ubuntu, that is, on the recognition of each person's humanity as the foundation for the self-identification of mine, yours and our humanity.

Keywords: Ubuntu; Writing; Deconstruction; Decolonization; Book; Future.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. SEEDUC-RJ. Niterói. Brasil.

1. Considerações iniciais

Caminho com os pés firmes neste chão sem me acovardar até que chegue o dia no qual as opressões serão soçobradas. Durante a espera, não considero o silêncio sobre as novas condições da escrita como uma alternativa para as pesquisadoras, professoras e estudantes de Filosofia, Educação, Direito, Economia, Arquitetura etc., comprometidas com a desconstrução da colonialidade e a desconstrução do ensino nas Américas. E se compreendo que a chegada da democracia in-condicional é do campo do por-vir, tal compreensão me compromete com a afirmação da vida, com a reconstrução dos modos de vida e com o legado que será recebido pelas pessoas que me sucederão nesta jornada.

Penso que chegou a hora de escrever e falar para além dos supremacismos que nos assediam e tentam nos entuchar. As pessoas supremacistas insistem em pautar as agendas das Universidades e Escolas como um derradeiro gesto, como um último suspiro dos seus fantasmas de estimação, como restança de suas heranças hostis. Considero o desvio e o drible como táticas desconstrutoras e descolonizadoras que cimentam o soçobrimento da hostil-modernidade.

Deputam a escrita sobre o *Ubuntu* e o livro por-vir a escuta de Jacques Derrida em *O livro por vir*:

Primeiramente, questão de “bom senso” e de sentido: o que quer dizer “*por vir*” em “*O livro por vir*” não é evidente. Mas a palavra *livro* é tão difícil de delimitar quanto a questão do livro, se pelo menos se quiser reconhecer-lhe uma especificidade acentuada e recortá-la no que ela tem de irreduzível, ali onde ela resiste a tantas questões próximas, conexas, até mesmo inseparáveis (Derrida, 2004a, p. 19).

Dada a brevidade deste artigo, delimito essa investigação às pessoas filósofas profissionais críticas da modernidade que nasceram no continente africano ou americano sob ocupação francesa, cotejando-as, rapidamente, com autoras de outras paragens. Tateio, inicialmente, a obra Franz Fanon e de Jacques Derrida; quanto ao magrebino, lembro que o filósofo experimentou tanto a condição

de cidadão francês quanto a perda da cidadania francesa; quanto ao martinicano, rememoro que experienciou tanto a condição de cidadão francês trabalhando na Argélia quanto a de opositor da ocupação francesa naquele cabo.

Leio filósofos nascidos em território sob a colonização francesa e que estudaram filosofia na metrópole. Enquanto Derrida, após a formação, escreveu e palestrou inúmeras vezes em universidades americanas, Fanon, após a formação, trabalhou e escreveu sobre o continente africano. Além da França e da Argélia, a Europa, a América e a África serem pontos de interseção entre eles, noto na leitura de ambos a preocupação com a desconstrução da colonialidade e a descolonização da filosofia.

Alerto que quando leio Jacques Derrida enunciar *Je suis...*, entendo a enunciação como um gesto desconstrutor e traduzo suas palavras por *Eu sigo* argelino, franco-magrebino, africano desenraizado, judeu marrano, cidadão francês, europeu. O gesto de autodesconstrução da própria identidade feita pelo filósofo abala tanto a identidade como um pertencimento comunitário hostil ao interdiálogo quanto à identidade como a aceitação e assimilação a humanidade europeia abstrata hostil a pluralidade.

Rasuro a leitura e releitura de suas obras, indo além dos textos que o magrebino e o martinicano leram para pensar que nesta rota posso apelar ao *Ubuntu* como solo onde edificar a descolonização e a desconstrução do pensamento, como uma tática de deslocamento do lugar da Europa no pensamento moderno. Tal tática reassenta a África como o continente de aparecimento da espécie humana e as civilizações africanas antigas como ancestrais das civilizações do Oriente próximo e da Europa, etc. Ciente, após escutar em *Força e significação* (Derrida, 2011b, p 1-41) que:

Escrever não é apenas saber que pela escritura, pela ponta do estilo, não é necessário que o melhor passe, como o pensava Leibniz da criação divina, nem que essa passagem seja de *vontade*, nem que o consignado *exprima* infinitamente o universo, se lhe assemelhe e o reúna para sempre. É também não poder fazer preceder absolutamente o escrever pelo seu sentido: fazer descer deste mundo o sentido mas elevar ao mesmo tempo a inscrição. Fraternidade para todo o sempre do otimismo teológico e do pessimismo: nada é mais tranquilizante, mas nada mais desesperante, nada destrói os nossos livros como o Livro

leibniziano. De que viveriam os livros, que seriam eles se não estivessem sozinhos, tão sozinhos, mundos infinitos e separados? Escrever é saber que aquilo que ainda não está produzido na letra não tem residência, não nos espera como prescrição... ou qualquer entendimento divino. O sentido deve esperar ser dito ou escrito para se habitar a si próprio e tornar-se naquilo que a diferir de si é o sentido. [...] (Derrida, 2011b, p. 13).

Leio nas obras africanistas o apelo para a importância da conscientização das pessoas pretas em África e na diáspora comprometerem-se com a pluralidade étnica da humanidade, para recusarem qualquer tentativa de estabelecimento de um paradigma universalista fundado na África e para a responsabilidade das pessoas africanas e das suas descendentes na diáspora com a libertação de todas as pessoas humanas como condição para a autonomia de todos os povos.

2. A desconstrução da colonialidade

Considero que a leitura, a releitura e a contra-assinatura de *Papel Máquina* de Jacques Derrida, no raiar da segunda década deste milênio, contribui no entendimento da urgência e emergência da desconstrução dos Estados-constitucionais pelas pessoas interessadas na defesa da dignidade da pessoa humana, já que tais Estados ressoam tanto as vozes que disseminam a emergência das metrópoles identitárias de cada comunidade historicamente excluídas pelo republicanismo ocidental quanto as vozes que resgatam a universalidade das metrópoles ocidentais materializadas no republicanismo de modelo europeu. Ecos espalhados velozmente ou pela militância vidente das utopias ou pela militância profética da restauração dos paraísos perdidos.

Cerradas as fileiras contra os inimigos comuns, ambas as militâncias desviam o olhar dos crimes cometidos contra a humanidade nas inúmeras tentativas de universalização de modelos de existência humana. As aguerridas querelantes tomam as táticas constituintes dos modos de ser construídos por suas comunidades e as transformam como paradigmas teleológicos para todas as comunidades humanas.

Atento aos ruídos que as novas formas de comunicação produzem e que insistem nos diálogos intracomunitários enraivecidos como tática de promoção do ódio as pessoas classificadas como inimigas. Desconfio das pessoas que fingem-se alicerçadas em tradições utópicas ou proféticas de uma realidade excludente e segregadora, assim como das que resistem à escuta atenta das tradições que reivindicam, quando percebem em suas dobras apelos pela solidariedade, pelo perdão e pela reconciliação entre as pessoas humanas.

O anúncio do ódio como tática constituinte do pertencimento comunitário ensurdece as anunciantes da descolonização. Pontuadas como inimigas a serem exterminadas pelas gladiadoras da uniformidade identitária e da identidade, as defensoras do perdão clamam pela desconstrução. Atacadas pelas anunciadoras do ódio, as paragens interdialogicas anunciam a restauração, a reconciliação e a reconstrução das relações inter-humanas, enquanto aguardam a chegada da democracia por-vir.

Tal cenário evoca a reconciliação como um caminho constitucional por-vir para a superação dos efeitos dos supremacismos, identitarismos etc., como pontua Jacques Derrida em *O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?* quando analisa a Constituição da África do Sul:

Ora, uma iniciativa continua aqui, ao que eu saiba, sem exemplo similar na história da humanidade: essa constituição democrática moderna começa por um ato de arrependimento e por um apelo a uma *cura* de reconciliação. Por uma “palavra de reconciliação”. Vem abri-la um “nós”, apresentando-se como o sujeito de um reconhecimento da injustiça passada e do pesar necessário. Mandela lembra, portanto, as primeiríssimas palavras da constituição, o preâmbulo mesmo, que são “palavras de reconciliação”. Essas são, como em toda constituição, compromissos performativos, juramentos, atos de fé jurada, que excluem o perjúrio. O preâmbulo “reconhece as injustiças do passado” e faz apela à “cura das divisões do passado” (Derrida, 2005, p. 47).

Ciente de que a descolonização e a desconstrução são do campo do por-vir, de que a confissão e reconciliação como táticas são do campo do acontecimento, e de que nas cinzas da memória dos crimes cometidos contra a humanidade encontra-se o perdão, sigo o horizonte da hospitalidade incondicional e da democracia por-vir.

3. A descolonização do ensino

Escrevo e falo sobre a dignidade humana desde o lugar do professor-pesquisador que nota nos novos formatos de produção e disseminação comercial do conhecimento a manutenção da opressão supremacista sobre as corporeidades cis e trans, anafêmeas e anamachos, pretas e marrons e pardas e amarelas e brancas que buscam a autonomia, a liberdade e o direito de decidir sobre suas trajetórias durante a peregrinação neste mundo.

Deputo com a escuta, escrita e fala das pessoas filósofas profissionais que nasceram no continente africano, já que aprendi com *A ideia afrocêntrica em educação* a considerar a África como o ponto de partida para a educação das crianças amefricanas, pois:

Quando se trata de educar crianças afro-americanas, o sistema educacional americano não necessita de ajustes, ele precisa de uma revisão geral. Crianças negras têm sido difamadas por este sistema. A história negra tem sido difamada. A África tem sido difamada. [...] Oferecendo uma diretriz filosófica e teórica e critérios que são centrados na percepção africana da realidade e colocando a criança afro-americana em sua ou seu contexto histórico e ambiente adequado, a afrocentricidade pode ser justamente a “válvula de escape” que os afro-americanos tão desesperadamente necessitam para facilitar o sucesso acadêmico e “romper” o ciclo de deseducação e deslocamento (Asante, 2019, p. 146).

Nesta direção, lembro das palavras de Franz Fanon em *Peles Negras, máscaras brancas* para pensar como os antigos e novos suportes do livro cimentam a educação das infantes que vivenciarão a escritura e a oralitura como profissão da reconciliação e reconstrução da humanidade no livro por-vir e no por-vir do livro. Segundo o autor:

Não quero acima de tudo ser mal compreendido. Estou convencido de que há grande interesse em entrar em contato com uma literatura ou uma arquitetura negras do século III a. C. Ficaríamos muito felizes em saber que existe uma correspondência entre tal filósofo preto e Platão. Mas não vemos, absolutamente, em que este fato poderia mudar a situação dos meninos de oito anos que trabalham nas plantações de cana da Martinica ou de Guadalupe (Fanon, 2008, p.190).

Iniciar a escrita com pessoas nascidas no continente africano como um gesto de reconciliação com as pessoas do continente do qual as glebas humanas que hoje habitam a Oceania, a Ásia, a Europa e América mostra os desafios das gentes preocupadas com o livro por-vir e com o por-vir do livro que soçobre o desenraizamento, a assimilação e a exclusão das pertenças étnicas, etnopigmentares, etnorreligiosas etc., promovidas pelos livros coloniais, pois assentar a África como o ponto de partida do livro por-vir e do por-vir do livro acontece se ouvida a advertência de Franz Fanon em *Traço de União* quanto à superação dos efeitos das ações desumanizantes operadas no passado e na atualidade, com o fito de no futuro haverem novas relações:

Contudo, a memória não deve ser predominante na pessoa. A memória é, com frequência, a mãe da tradição. Ora, se é bom ter uma tradição, também é bom superar essa tradição para inventar um novo modo de vida. Quem considera que o presente não tem valor e que somente o passado deve nos interessar é, em certo sentido, uma pessoa a quem faltam duas dimensões e com a qual não se pode contar. Quem acha que é preciso viver o agora com todo o ímpeto e que não devemos nos preocupar com o amanhã nem com o ontem pode ser perigoso, pois crê que cada minuto é separado dos minutos vindouros ou dos que o precederam e que não existe nada além dele mesmo no planeta. Quem se desvia do passado e do presente, quem sonha com um futuro longínquo, desejável e desejado, também se vê privado do terreno contrário cotidiano sobre o qual é preciso agir para realizar o futuro desejado. De modo que, como se pode ver, uma pessoa deve sempre ter em conta o presente, o passado e o futuro (Fanon, 2020, p. 265).

A memória sobre a África, cimentada na proposta de Franz Fanon, gera as condições de possibilidade para que as pessoas amefricanas que foram desenraizadas pela educação eurocentrada superem os efeitos da colonização mental, como demonstraram as escritoras pan-africanistas, afrocentradas etc. A condição para a superação da colonização mental é ensinada por Cornel West em *Questão de raça*:

E cresce o difuso empobrecimento espiritual. O colapso do sentido da vida – o eclipse da esperança e a ausência do amor por si mesmo e pelos outros, a ruptura da família e dos laços de vizinhança – conduz ao desenraizamento social e ao despojamento cultural dos habitantes das áreas urbanas, especialmente as crianças. Criamos pessoas sem

raízes, inconstantes, pouco ligas às redes de apoio que fundamentam algum sentimento de propósito na vida – a família, os amigos, a escola. Assistimos ao colapso das comunidades espirituais que, no passado, ajudaram os norte-americanos a enfrentar o desespero, a doença e a morte, que transmitem através das gerações a dignidade e a decência, a excelência e a elegância (West, 2021, p. 38).

Nem as hostilidades nem as alianças com outras etnias podem ser esquecidas pelas pessoas amefricanas. As amefricanas devem lembrar as demais etnias que aportaram como estrangeiras após os processos de libertação dos países americanos que a condição de assimiláveis ou inassimiláveis variava conforme os interesses das pessoas supremacistas. Segundo West:

O antissemitismo dos negros e o racismo dos judeus contra os negros são reais, e ambos tão caracteristicamente norte-americanos quanto a torta de cereja. Não existiu uma “época de ouro” em que negros e judeus viviam livres de tensões e atritos. Mas houve uma época melhor, quando as histórias afins de opressão e degradação de ambos os grupos serviam de trampolim para a verdadeira empatia e para alianças fundamentadas em princípios. Desde fins da década de 1960, as relações entre negros e judeus atingiram o fundo do poço. Por que isso ocorreu? (West, 2021, p. 103).

O conhecimento e reconhecimento das condições das comunidades étnicas, etnorreligiosas etc., que constituem a América (e outros cabos) amplia a consciência das pessoas amefricanas quanto ao fato de que “o feminismo asiático interseccional, então, inspira-se e aprende com o movimento das mulheres negras” (Lee; Manghirmalani; Higa, p. 131, 2019) a superar o silenciamento das vivências e opressões sofridas pelas mulheres asiáticas e suas descendentes, assim como a entender a diversidade pigmentar, étnica, religiosa, cultural que o gentílico “asiático” silencia.

Soslaio a questão das asiáticas e suas descendentes na diáspora, já que supremacistas, de ontem e de hoje, incitam o ódio ou a assimilação destas comunidades na medida em que precisam afastar ou silenciar as experiências de solidariedade interétnicas que possibilitam a hostil-modernidade. Segundo West:

Minha premissa fundamental é de que a luta dos negros pela liberdade constitui o principal anteparo entre as pessoas como David Duke e a

esperança de um futuro no qual possamos começar a tratar com seriedade a questão da justiça e liberdade para todos. O antissemitismo dos negros – juntamente com suas concomitantes xenofobias, como os preconceitos machistas e homofóbicos – enfraquece esse anteparo. Nesse processo, ele faz o jogo dos racistas de velha cepa, que apelam para o pior que há em nossos concidadãos em meio à silenciosa depressão que assola a maioria dos norte-americanos. Sem uma redistribuição de riqueza e poder, a mobilidade descendente e a pobreza debilitante continuarão a impelir as pessoas para saídas desesperadas. E sem uma oposição às xenofobias vindas de cima e de baixo baseada em princípios, essas saídas desesperadas produzirão um país insensível e mesquinho, pelo qual não valerá a pena lutar e onde não valerá mais a pena viver (West, 2021, p. 112).

Nesta rota, lembro que Jacques Derrida, em *Monolingüismo do outro*, enfatiza que as pessoas judias sofriam o processo de desenraizamento na Argélia. A escola colonizada frequentada pelas crianças judias lhes ensinava a se separar das demais pessoas, dada a impossível assimilação tanto da comunidade francesa ocupante quanto da comunidade árabe sob ocupação. Isto é, a educação colonial em África, assim como em outros continentes, ensinava as pessoas a assimilação aos valores colonizadores e a neutralidade política. Porém, a neutralidade, como o filósofo ensina em *A favor da Argélia* (Derrida, p. 199-206, 2004a), não significa cerrar os ouvidos aos clamores das pessoas que lutam pelo fim das opressões, e sim significa portar-se consciente de que as soluções serão encontradas pelas lutadoras e de que a solidariedade consiste em tomar o partido das que lutam contra a opressão.

A admoestação feita em *Os intelectuais e democratas franceses diante da Revolução Argelina* mostra que urge superar os efeitos da neutralidade como paradigma de atuação das pessoas antissupremacistas europeias que durante as guerras de libertação do jugo colonial cegaram-se quanto a isto:

A condição do estrangeiro, do conquistador, do francês na Argélia é uma condição de opressor. O francês na Argélia não pode ser neutro ou inocente. Todo francês na Argélia oprime, despreza, domina. A esquerda francesa, que não pode permanecer indiferente e impermeável a seus próprios fantasmas, adota na Argélia, no período anterior à guerra de libertação, posições paradoxais (Fanon, 2011, p. 128).

Franz Fanon admoesta as pessoas antissupremacistas – na América, na África, na Europa, na Ásia e na Oceania – a desviarem das táticas colonialistas

– que, através da retórica manipulação da identificação pigmentar, etnopigmentar, étnica, etnorreligiosa, etnocultural etc., como essências que separam as pessoas ou coletividades –, promovem a destruição da unidade e solidariedade na luta anticolonial. Em *Os condenados da Terra*, adverte:

O colonialismo, que havia tremido nas bases diante do nascimento da unidade africana, retoma suas dimensões e tenta agora quebrar essa vontade utilizando toda a fragilidade do movimento. O colonialismo vai mobilizar os povos africanos revelando-lhes a existência de rivalidades “espirituais”. No Senegal, é o jornal *Afrique Nouvelle* que vai destilar toda semana o ódio contra o islã e os árabes. Os libaneses, que possuem na costa ocidental a maioria dos pequenos comércios, são designados para a vingança nacional. Os missionários lembram oportunamente às massas que grandes impérios negros, bem antes da chegada do colonialismo europeu, foram desmantelados pela invasão árabe. Não hesitam em dizer que foi a ocupação árabe que preparou a vinda do colonialismo europeu; fala-se do imperialismo árabe e denuncia-se o imperialismo cultural do islã. Os muçulmanos geralmente são mantidos afastados dos cargos de direção. Em outras regiões produz-se o fenômeno inverso e os nativos cristianizados é que são considerados os inimigos objetivos e declarados da independência nacional (Fanon, 2021a, p. 159).

A descolonização e a desconstrução do ensino pauta a questão da autoria e da assinatura quanto ao livro por-vir e ao por-vir do livro, quiçá, o abandono do paradigma pigmentar, etnopigmentar, étnico, etnorreligioso, etnocultural etc., como essência norteadora na identificação de quais pessoas autoras são comercializáveis, se encontre o caminho para superar a desterritorialização de autores que, como Santo Agostinho, Jacques Derrida *et al.* nasceram e cresceram no continente africano, mas não são lidos como africanos pelas pessoas leitoras, pesquisadoras e divulgadoras eurocêntricas de suas obras.

A desconstrução e descolonização da imagem das pessoas brancas nascidas na África, Ásia, América e Oceania e apresentadas ao público como europeias chega quando se reafirma os seus locais de nascimento. Tal gesto mostra que, assim como a Filosofia Europeia é produzida pelas pessoas – brancas, pardas, amarelas, marrons e pretas – que nasceram na Europa, a Filosofia Africana é assinada pelas pessoas – pretas, pardas, amarelas, marrons e brancas – que nasceram na África.

4. Desconstrução e descolonização nos livros

A desconstrução das restanças da colonialidade chega através de dissidentes que rasuram a distinção entre oralidade e escrita, entre oralitura e escritura etc., narrando as escrevivências das pessoas que lutaram e lutam contra os supremacismos e suas táticas de manutenção da desumanização de algumas pessoas ou coletividades. A descolonização chega quando leitores ousam ir além dos catálogos colonizados e buscam nas margens, nas fronteiras, nas periferias, dissidentes que narram as histórias de resistência a hostil-modernidade.

Apreendi com Beatriz Nascimento em *Negro e racismo* a pesar os textos, pois:

As perguntas aos conceitos até aqui utilizados com relação ao negro e ao estudo da discriminação, a nosso ver, devem ser inquiridas e decompostas minuciosamente em todas as suas implicações. Assim como esses conceitos que mencionamos, quase tudo o que foi dito sobre o negro, tudo o que lhe é atribuído, o que até agora é considerado ser negro, inclusive a cultura do negro, deve ser reexaminado não sob o ponto de vista da ideologia dominante, mas sob o ponto de vista das nossas aspirações e necessidades. Isso só é possível à luz de uma fidelidade à história. Só o levantamento histórico da vivência do negro no Brasil levada a efeito pelos seus descendentes, isto é, os que atualmente vivenciam na prática a herança existencial, poderá erradicar o complexo nele, assim como o preconceito racial por parte do branco (Nascimento, 2021, p. 54).

Peso um texto como gesto de o pôr na balança para reconhecer tanto o peso da autora que o proferiu quanto da autora que o assinou; de determinar e indicar o peso da fala e da escrita; de pertencer aos modos de escritura da fala e da escrita; de considerar e ponderar sobre as consequências do arquivo oral e do escrito; de influir decisivamente que tanto a fala quanto a escrita formam o caráter de quem escreve e assina o que ouviu; de desviar da expectativa que a escrita pressione, oprima e atormente as pessoas que optam pelas escrituras orais; de atuar de modo que a obra escrita não cause pesar, dor, tristeza e sofrimento a autoras que confiaram a preservação e propagação da memória oral no formato livresco.

Após pesar o texto, retiro com o Obé de Eşu toda a gordura colonial que foi acrescida pela autoria do texto ou pela editora ou pela revisora preocupada com a comercialização da obra. A gordura colonial desumaniza as autoras que nararam o texto ouvido pela assinante. Fico com as restâncias do texto, com os fragmentos, com a dignidade das pessoas que pisaram devagarinho e chegaram antes de mim como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Angela Davis, bell hooks, Franz Fanon *et al.*, e ensinaram a ir além da colonização mental promovida por supremacistas.

O formato livresco persiste, como analisa Jacques Derrida em *O livro por vir* (Derrida, 2004, p. 19-34), em novos suportes. Na diversidade de suportes encontrados, se considerada as condições de possibilidade de sua disseminação entre as pessoas empobrecidas, encontram-se as condições de possibilidade de disseminar as histórias e reflexões das pessoas que lutaram pela ampliação dos direitos da humanidade e pelo reconhecimento da dignidade de cada pessoa humana em sua *différance*.

Quando vejo e leio livros nos novos suportes, penso em como a reflexão sobre o livro por-vir e o por-vir do livro deve considerar a advertência de Byung-Chul Han em *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*:

A digitalização do mundo da vida avança, implacável. Submete a uma mudança radical nossa percepção, nossa relação com o mundo, nossa convivência. Ficamos atordoados pela embriaguez de comunicação e informação. O tsunami de informação desencadeia forças destrutivas. Abrange também, nesse meio tempo, âmbitos políticos e leva a fraturas e disrupções massivas no processo democrático. A democracia degenera em *infocracia* (Han, 2022, p. 25).

Considero a escrita e a oralitura publicadas pelas pessoas pretas, pardas, marrons, amarelas e brancas comprometidas com a luta antissupremacista, em formato livresco, um caminho para anunciar com e a partir de Martin Luther King, em *Por que não podemos esperar*, que:

O homem nasceu na barbárie, quando matar seu próximo era uma condição normal da existência. Ele ficou dotado de consciência. E agora chegou ao dia em que a violência contra outra ser humano deve se tornar tão repugnante quanto comer a carne do outro.

A não violência, a resposta para a necessidade dos negros, pode se tornar a resposta para a necessidade mais desesperada de toda a humanidade (King, 2020, p. 165).

A luta que o Reverendo King e outras pessoas amefricanas, nos Estados Unidos e noutros lugares, empreendiam pela extensão dos direitos civis a todas as pessoas, ocorria noutros cabos e mobilizava diversas pessoas de diferentes etnias a pensarem com e a partir da *Gramatologia*:

O que aqui nos parece anunciar-se é que, de um lado, a gramatologia não deve ser uma das *ciências humanas* e, de outro lado, que não deve ser uma *ciência regional* entre outras.

Ela não deve ser *uma das ciências do homem*, porque coloca de início, como sua questão própria, a questão do *nome do homem*. Liberar a unidade do conceito do homem é sem dúvida renunciar à velha ideia dos povos ditos “sem escritura” e “sem história”. A. Leroi-Gourhan mostra-o bem: recusar o nome do homem e o poder da escritura fora de sua comunidade é um único e mesmo gesto. Na verdade, aos povos ditos “sem escritura” nunca falta mais que um certo tipo de escritura. Recusar a tal ou qual técnica de consignação o nome de escritura, tal é o “etnocentrismo, que melhor define a visão pré-científica do homem” e faz, ao mesmo tempo, que “em numerosos grupos humanos, a única palavra pela qual os membros designam seu grupo étnico é a palavra ‘homem’” (Derrida, 2011a, p. 104).

Entender que a luta pela ampliação dos direitos a todas as pessoas como compromisso de cada pessoa (independentemente da pertença continental ou nacional ou pigmentar ou étnica) apela a xenofilia, aproxima tanto as pessoas envolvidas na escrita, revisão, editoração, publicação (e comercialização – no caso das obras comerciais) dos livros quanto as comprometidas com a dignidade humana, pois, como lemos em *O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*:

Tendo como fundo a voz de Hegel em *off*, eis Mandela. No fim infinito, não findo, acabado inacabado de sua autobiografia, as últimas linhas do livro aliam o motivo da reconciliação ao da liberação. Liberação do mestre opressor, duplo genitivo. Ao se libertar do mestre, libera-se a ele mesmo. O escravo libera o mestre. Para além do cálculo, trata-se de liberar a liberdade, liberar o opressor na estrada infinita de uma liberação. Como pensar esse infinito, que é um processo, o da *liberação*, de preferência a uma essência, a da *liberdade*? Por que a liberação seria indissociável da reconciliação (Mandela: “nasci livre” e, no entanto, o caminho para a liberdade é infinito Hegel: o infinito deve ser dado para que o indefinido apareça)? Na página precedente, Mandela

tinha declarado que sua missão, portanto seu dever, a convicção de seu dever, era pregar a reconciliação (Derrida, 2005, p. 71).

O livro por-*vir* e o por-*vir* do livro que inúmeras vezes moveu a escrita de Jacques Derrida, chega, como nos diz o autor, em *Morada: Maurice Blanchot* (Derrida, 2004b), quando cada pessoa caminha para além da literatura europeia e encontra, como diz em *Palavra soprada* (Derrida, 2011b, p. 249-288), em outras mitologias, os indícios da comunalidade e da solidariedade e da hospitalidade in-condicionais.

Afirmar que encontrar-se-á “fora da Europa, no teatro balinês, nas velhas cosmogonias mexicana, hindu, iraniana, egípcia, etc., procurar-se-á sem dúvida temas, mas também, por vezes modelos de escritura” (Derrida, 2011b, p. 283) que abalem o livro por-*vir* e o por-*vir* do livro é uma outra forma de pensar, falar, escrever, ver, ouvir e tatear a chegada da desconstrução das restanças da colonialidade e a descolonização do pensamento.

Descolonização que chega como um desejo expresso por Franz Fanon em *Carta a Ali Shariati*:

Desejo que seus intelectuais autênticos possam, tendo em vista uma tomada de consciência universal das massas populares de seus países e sua mobilização na luta defensiva contra a agressão e as tentações das ideias, métodos e soluções malévolas e suspeitas provenientes da Europa, desejo que seus intelectuais autênticos possam explorar os imensos recursos culturais e sociais escondidos no fundo das sociedades e dos espíritos muçulmanos, na perspectiva da emancipação e para a fundação de uma outra humanidade e uma outra civilização, e insuflar esse espírito no corpo cansado do Oriente muçulmano. É você e a seus colegas que cabe cumprir essa missão, Sei, é claro, que seus esforços nesse sentido, apesar das aparências, não são incompatíveis com o meu objetivo de construir uma nação unida e harmoniosa nesse país do Terceiro Mundo – antes, diria eu, esse terceiro país do mundo. Pois o que nos une atualmente leva-me a reconhecer essa trajetória como um grande passo inteligente em direção ao meu ideal (Fanon, 2021b p. 146-147).

A desconstrução da colonialidade é anunciada por Frantz Fanon em *Os condenados da terra*:

Se quisermos transformar a África numa nova Europa, a América numa nova Europa, então confiemos a europeus os destinos de nossos países. Eles saberão fazer melhor do que os mais bem-dotados dentre nós.

Mas, se quisermos que a humanidade avance para um estágio superior, se quisermos levá-la a um nível diferente daquele em que a Europa a revelou, então é preciso inventar, é preciso descobrir.

Se quisermos responder às expectativas de nossos povos, é preciso buscar em outro lugar que não a Europa.

Mais ainda, se quisermos corresponder à expectativa dos europeus não devemos lhes devolver uma imagem, mesmo ideal, da sua sociedade e do seu pensamento, pelos quais eles experimentam, episodicamente, uma imensa náusea.

Para a Europa, para nós mesmos e para a humanidade, camaradas, é preciso mudar completamente, desenvolver um pensamento novo, tentar criar um homem novo (Fanon, 2022, p. 327-328).

5. Considerações quase-finais

Entrecerra a escrita e a fala sobre o livro por-*vir* e o por-*vir* do livro a escuta de Jacques Derrida em *O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*:

A palavra *abantu* (*fellowship*: confraria, comunidade, co-cidadania) é que foi utilizada pelo discurso oficial, no final do *apartheid*, para traduzir a missão da Comissão Verdade e Reconciliação, para traduzir a “reconciliação” mesma. Ora, dentre todas as reprovações feitas a essa Comissão, presidida pelo bispo anglicano Desmond Tutu, o qual não fez pouco para cristianizar sua linguagem, até mesmo seu espírito e sua axiomática, houve esta: considerar como evidente a tradução dos idiomas africanos. Essas não são apenas questões de linguagem. É o caso de todas as genealogias culturais e simbólicas que trabalham as palavras. Reprovaram-lhe, portanto, ter traduzido os onze idiomas africanos naquele que então dominava, o inglês, ou seja, também cristão (Derrida, 2005, p. 50).

Escrevo sobre *Ubuntu* com e a partir de Mungi Ngomane em *Ubuntu todos os dias*. Afirmo que cada pessoa torna-se pessoa quando reconhece a dignidade das outras pessoas, que as pessoas são reconhecidas como pessoas quando agem com dignidade com a pessoa que as reconhecem como pessoa, que cada povo torna-se povo quando garante a dignidade de cada pessoa que o constitui como povo, que cada pessoa constitui um povo quando reconhece que sua dignidade realiza-se quando reconhece que os outros povos são constituídos por pessoas, quando cada povo reconhece que os outros povos são constituídos por pessoas e comprometem-se com suas dignidades.

Entendo a dignidade de cada pessoa humana como autoevidente. A auto-determinação de cada povo como exercício da liberdade de organização de cada pessoa. A educação assentada na escuta, no tatear, no cheirar, na fala, no olhar como reconhecimento da potência de cada criança. A liberdade de pesquisar e ensinar como responsabilidade com a não repetição dos crimes cometidos contra a humanidade e compromisso com extensão dos direitos e deveres de cada indivíduo como apelo à chegada da democracia por-vir e da hospitalidade incondicional.

Reconheço que todas as obras que li, como espectros, fundamentam o texto. Refuto e desvio das obras que assediam a dignidade da pessoa humana e consinto e assino as que deputam a confissão, o perdão, a reparação, a reconciliação, a hospitalidade incondicional e a democracia. Afirmo, a partir de Oyèrónké Oyěwùmí, Sojourner Truth, Jacques Derrida, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Gislene Aparecida dos Santos, Angela Davis, bell hooks, Franz Fanon *et al.*, que ainda não começamos a pensar, pois, nesta escrita, apela-se às condições de possibilidade do pensamento por-vir que encetará a confissão por-vir, o perdão por-vir, a reparação por-vir, a reconciliação por-vir, a hospitalidade in-condicional e a democracia por-vir que chegam como acontecimento no livro por-vir e no por-vir do livro.

ENCONTROS

ASANTE, Molefi Kete. (2019). A ideia afrocêntrica em educação. In: *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE*, nº 31, p. 136-148, mai.-out. Retrieved from: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28261/24244>.

DERRIDA, Jacques. (2011a). *Gramatologia*. Paris: Editions de Minuit, 1967. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva.

DERRIDA, Jacques. (2011b). *L'écriture et la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967b. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva.

DERRIDA, Jacques. (2004a). *Papel máquina*. Tradução Evando Nascimento. São Paulo; Estação Liberdade.

DERRIDA, Jacques. (2004b). *Morada. Maurice Blanchot*. Tradução de Silvina Rodrigues Lopes. Vendaal.

DERRIDA, Jacques. (2005). O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero? In: NASCIMENTO, Evando. *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, p. 45-92.

FANON, Franz. (2008). *Peles negras, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.

FANON, Franz. (2020). *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: UBU.

FANON, Franz. (2021a). *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

FANON, Franz. (2021b). *Escritos políticos*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Boitempo.

FANON, Franz. (2022). *Os condenados da terra*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar.

GONZALEZ, Lélia. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar.

HAN, Byung-Chul. (2022). *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes.

KING, Martin Luther. (2020). *Por que não podemos esperar*. Tradução de Sarah Pereira. São Paulo: Faro Editorial.

LEE, Carolina Ricca; MANGHIRMALANI, Juily; HIGA, Laís Miwa. (2019). Narrativas asiáticas brasileiras: identidade, raça e gênero. In: LIMA, Emanuel Fonseca [et al.] (Orgs.). *ensaios sobre racismos*. São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, p. 126-134.

NGOMANE, Mungi. (2022). *Ubuntu todos os dias: eu sou porque nós somos*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. Rio de Janeiro: BestSeller.

WEST, Cornel. (2021). *Questão de raça*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.